

**A TRADUÇÃO LITERÁRIA DE OBRAS LATINO-AMERICANAS:
O PROCESSO DE DOMESTICAÇÃO COMO APAGAMENTO DA CULTURA DO
OUTRO - NOVAS COLONIZAÇÕES**

**LA TRADUCCIÓN DE OBRAS LATINOAMERICANAS:
EL PROCESO DE DOMESTICACIÓN COMO SUPRESIÓN DE LA CULTURA
DEL OTRO - NUEVAS COLONIZACIONES**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p7-24

**Keven de Almeida Antunes¹
Gilmei Francisco Fleck²
Liliane Lemos Santana Barreiros³**

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo investigar os impactos da domesticação na tradução literária, partindo da análise do romance *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006), de Jorge Amado para a língua inglesa, seguindo os conceitos de Venuti (1995; 2008) de Estrangeirização e Domesticação, bem como o aporte teórico de estudos que contribuem para a discussão sobre a ética da tradução. O nosso *corpus* de estudo é paralelo, composto por marcadores culturais da obra *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006) e sua tradução *Gabriela, clove and cinnamon* ([1962] 1988). Os resultados da análise demonstraram uma tendência domesticadora na tradução dos marcadores culturais e, por consequência, o apagamento da cultura baiana para o leitor estrangeiro, regida pelo objetivo de traduzir o romance de Jorge Amado como um *best-seller* nos Estados Unidos.

Palavras-chave: Tradução. Cultura. Estrangeirização. Domesticação. Colonização.

Abstract: This work aims to investigate the impacts of domestication on literary translation, starting from the analysis of the novel *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006), by Jorge Amado into the English language, following Venuti's (1995; 2008) concepts of Foreignization and Domestication, as well as the theoretical support of studies that contribute to the discussion on translation ethics. Our corpus of study is parallel, composed of cultural markers from the work *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006) and its translation, *Gabriela, clove and cinnamon*

¹ Graduado em Letras com Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2019). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). Orcid: 0000-0001-7960-9350. E-mail: antuneskeven@gmail.com

² Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste-Cascavel/PR- Brasil, atuante nas disciplinas de Literaturas e Cultura hispânicas, Literatura Comparada e Tradução e Literatura Infantil e Juvenil. Pós-doutor em Literatura Comparada e tradução pela UVigo-Vigo/Espanha. Líder do Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Orcid: 0000-0002-4228-2566 e-mail: chicofleck@yahoo.com.br

³ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). Doutora em Língua e Cultura pela UFBA (2017), com estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG (2018-2019). Orcid: 0000-0002-7560-0380. E-mail: lilianebarreiros@uefs.br

([1962] 1988). The results of the analysis demonstrated a domesticating tendency in the translation of cultural markers and, consequently, the erasure of Bahian culture for the foreign reader, guided by the objective of translating Jorge Amado's novel as a best-seller in the United States.

Keywords: Translation. Culture. Foreignization. Domestication. Colonization.

Introdução

Um dos autores renomados da literatura brasileira, Jorge Amado, foi eleito pelo *Guinness Book*, em 1996, como o autor mais traduzido do mundo. As narrativas dos seus romances são caracterizadas pelo registro de aspectos socioculturais do Brasil, como a opressão social das ruas de Salvador, em *Capitães de areia* (1937), e a culinária baiana de todos os santos, em *Gabriela, cravo e canela* (1952). Ao partirmos desse fato, consideramos que a literatura pode registrar traços culturais que representam o âmbito social, econômico, religioso etc. de um povo, e que estes são apresentados para outras culturas do mundo por meio do processo da tradução, como ocorre, por exemplo, na tradução de romances latino-americanos a outras línguas não latinas e vice-versa. Para Rad e Marj (2019, p. 459), “*translation is an act of communication that makes a bridge between two languages and cultures.*”⁴

Tradutores de romances culturalmente marcados como os de Jorge Amado são mediadores do contato entre duas culturas distintas e a escolha de manter ou adaptar alguns termos culturais na versão traduzida tem o poder tanto de manter, preservar, propagar quanto o de mudar, distorcer e apagar um fator cultural existente. Dentre as estratégias de tradução, Lawrence Venuti (1995, 2008) debateu dois conceitos que representam dois polos de decisão do tradutor frente à cultura: a domesticação e a estrangeirização. Nas duas vias, o tradutor se depara com a possibilidade da manutenção ou a do apagamento dos valores etnocêntricos do Texto de Origem (TO) no Texto Traduzido (TT): mantendo-os, com a estrangeirização, ou omitindo-os, com a domesticação.

Ao visarmos à divulgação cultural da tradução literária, neste texto nos propomos a analisar a domesticação na tradução do romance *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006), de Jorge Amado para a língua inglesa, buscando mostrar se essa estratégia pode: 1) influenciar no apagamento de aspectos culturais, com base nos conceitos de estrangeirização e domesticação analisados por Venuti (1995, 2008), assim como também 2) ser influenciada pela subordinação

⁴ Nossa tradução: [...] a tradução é um ato de comunicação que estabelece pontes entre duas línguas e culturas. (RAD; MARJ, 2019, p. 459).

de uma tradução pós-colonial (PAGANO, 2013), e 3) ferir uma ética de tradução, que é discutida por Antonie Berman (2013), e outros estudos da área de tradução que fomentam essa reflexão. Foram analisados, especificamente, os casos de tradução domesticada em *Gabriela, clove and cinnamon* ([1962] 1988), confrontados de forma quantitativa e qualitativa para compreensão das consequências da tradução domesticada na cultura do TO.

1 A tradução literária, colonial e domesticada: conceitos chaves

Consideramos a tradução como um processo interdisciplinar, pois é responsável pela conexão de informações entre duas línguas ou mais, em diversos atos de comunicação existentes, de todos os campos. Ao analisar a sua potência de influência no mundo, Aubert (1998, p. 99) afirma que a tradução é uma área que movimenta U\$\$ bilhões ao ano em termos econômicos e, por ser um ato de comunicação, tem lugar entre culturas, ideologias e visões de mundo distintas. Para Lefevere (2007), a tradução é uma reescrita de um texto original, considerando que

[...] toda reescrita, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada. Reescrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. (LEFEVERE, 2007, p. 11-12).

Seguindo o pensamento de Lefevere (2007), a literatura traduzida é a reescrita manipulada do que foi dito pelo autor no Texto de Origem. Essa ideia de manipulação se aproxima do pensamento de Venuti (1995) ao tratar o caso de “violência da tradução”, que se resulta na

[...] reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs, and representations that preexist in the translating language and culture, always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of text.⁵ (VENUTI, 2008, p. 14).

A percepção da “violência da tradução” – que consiste na adaptação do texto traduzido com elementos culturais que são comuns na cultura alvo – leva-nos a compreender o conceito de “domesticação” proposto, no século XIX, pelo filósofo e teólogo Friederich Shleiermacher

⁵ Nossa tradução: [...] reconstituição do texto estrangeiro em concordância com valores, crenças e representações existentes na língua de tradução e sua cultura, sempre configurada em hierarquias de dominância e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção de textos. (VENUTI, 2008, p. 14).

(1813 *apud* VENUTI, 2008), e, mais tarde, definido por Lawrence Venuti (2008, p. 15) como “an ethnocentric reduction of the foreign text to receiving cultural values, bringing the author back home”⁶.

Ao se considerar os dois polos de escolhas tradutórias e o impacto cultural, se o tradutor não optar pela domesticação de uma tradução, ele pode reduzir essa “violência da tradução”, fazendo o processo contrário, ao levar os elementos da cultura do Texto de Origem para o Texto Traduzido. Esse processo é definido por Venuti (2008, p. 15) como estrangeirização: “a foreignizing practice, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural differences of the foreign text, sending the reader abroad.”⁷

Berman considera a estrangeirização e a domesticação como escolhas arriscadas pelo tradutor. Para ele,

[...] a tradução se situa justamente nessa região obscura e perigosa, na qual a estranheza desmedida da obra estrangeira e sua língua corre o risco de se abater com toda a sua força sobre o texto do tradutor e sua língua, arruinando assim a sua empresa [...]. Mas se esse perigo não for enfrentado, corre-se o risco de cair imediatamente em outro perigo: o de matar a dimensão do estrangeiro. A tarefa do tradutor consiste em enfrentar esse duplo perigo e, de uma certa maneira, em traçar ele próprio, sem nenhuma consideração pelo leitor, a linha divisória. (BERMAN, 2002, p. 278)

Já Reys e Brisolara (2019, p. 6) consideram o próprio ato de traduzir como uma domesticação, uma vez que nele sempre “se faz adaptações linguísticas e culturais para a manutenção do sentido do texto na língua de chegada.”

Se o tradutor seguir com a domesticação de uma literatura culturalmente marcada, é necessário ter o conhecimento de ambas as culturas mediadas, do Texto de Origem e Texto Traduzido, para fazer a adaptação dos termos na outra cultura de forma que o texto continue fazendo sentido para quem lê. Já no processo de estrangeirização, é requerido o conhecimento do tradutor especialmente sobre a cultura do Texto de Origem, para a inserção do diferente na percepção cultural do outro. Sousa e Branco comentam o impacto dessa prática para o leitor da literatura, salientando que se pode causar um estranhamento

[...] nesse contato, o leitor percebe na outra cultura as diferenças e semelhanças com a sua própria, o que de início pode causar estranhamento, mas que constitui um

⁶ Nossa tradução: [...] uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para os valores culturais da língua-alvo, trazendo o autor para casa. (VENUTI, 2008, p. 15).

⁷ Nossa tradução: [...] uma pressão etno-deviante nestes valores para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor para fora. (VENUTI, 2008, p. 15).

processo enriquecedor para aquele indivíduo: ao conhecer a cultura do outro, o leitor da tradução reflete também sobre a sua própria cultura. (SOUSA; BRANCO, 2015, p. 71)

Já na concepção de Rodrigues, entende-se a tradução como um processo de reescrita de uma leitura e, também, dá-se atenção à percepção do leitor frente ao texto traduzido. Para ela, existem dois sujeitos na tradução: o autor e o leitor. De acordo com sua pesquisa,

[...] o segundo sujeito vai produzir um segundo fenotexto, por mais que se esforce (para ser totalmente fiel ao original) para se “apagar” enquanto sujeito re-escritor, pois carregará – fatal e incoscientemente – para o texto que produz as suas próprias características genotextuais. O TT manifestará pois, necessariamente, marcas de dois sujeitos. E o leitor do TT, trará para sua leitura, a sua própria carga genética, histórica, cultural etc. Ao ler o texto traduzido, ele estará lendo o primeiro sujeito (autor do original), o segundo sujeito (autor da tradução) e a si mesmo. (RODRIGUES, 2013, p. 135)

Por essa perspectiva, podemos considerar que a tradução mediadora da cultura deve atentar-se à percepção do leitor de língua estrangeira e como ele vai receber a tradução. Berman (2002, p. 277) defende que, entre o etnocentrismo e o literalismo, há uma linha divisória que “pode estar o terrível da diferença, mas também sua maravilha; o estrangeiro apareceu sempre assim: demônio ou deusa.”

A relação da tradução com o pós-colonialismo, nos Estudos da Tradução, oferece uma reflexão crítica sobre as diferenças culturais que nos ajuda a compreender o universo das traduções literárias culturalmente marcadas, bem como as transferências interculturais. O crítico indiano Homi Bhabha (1994, p. 171) define a tarefa crítica pós-colonial como sendo “revisão crítica de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política”.

Nesse contexto, ao examinarmos a tradução pelos estudos pós-coloniais, podemos visualizar algumas questões de “desigualdade e subordinação, sobretudo no que diz respeito aos processos de produção de identificação cultural.” (PAGANO, 2013, p. 158). Entre outras definições, resumimos à questão do “ser traduzido”. Para quem se traduz uma obra culturalmente marcada? Para esse questionamento, trazemos uma reflexão de Jákfalvi-Leiva (1984), segundo Pagano, a respeito do pensamento latino-americano sobre a tradução, este

[...] nasce a partir de um contexto de tensões entre línguas, memórias e histórias. A historiografia da tradução na América Latina, ainda pouco explorada, revela casos paradigmáticos como é, por exemplo, o do indígena inca Garcilaso de la Vega, que em 1590 traduz para o espanhol, língua do colonizador e opressor, *os Diálogos de amor* do judeu León Hebreo, escritos em italiano. Em seu prefácio e carta dirigida ao rei Felipe, o inca oferece sua tradução como presente, desafiando a economia de relações imperiais e explorando a tarefa tradutória como possibilidade de acesso a

uma voz e inserção de uma cultura oprimida, a incaica, no âmbito cultural europeu. (PAGANO, 2013, p. 160)

De acordo com o sociolinguista Calvet (2007, p. 48), segundo Widman e Zavaglia (2017, p. 101), as línguas se relacionam em termos gravitacionais, sendo o inglês a língua hipercentral, em torno da qual gravitam uma dezena de línguas supercentrais. Em torno dessas línguas supercentrais gravitam de 100 a 200 línguas centrais que, por sua vez, são gravitadas por 4 a 5 mil línguas periféricas, entre as quais está o português. Historicamente, esse quadro se estabeleceu após a Segunda Guerra Mundial com o desenvolvimento da hegemonia dos Estados Unidos, com o crescimento de sua tendência ao monolinguismo e o aumento do uso do inglês como língua franca e hipercentral. Por consequência, houve uma diminuição no país em relação aos interesses pela literatura estrangeira. (WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017 p. 91-92).

Por esse viés, é possível notar que as relações de tradução parecem possuir uma hierarquia de poder. Assim, o colonizador detém os moldes sobre o que quer ser traduzido do colonizado. Até o lançamento da primeira tradução para o inglês de *Gabriela, cravo e canela*, o editor Alfred Knopf optou pela mudança de tradutor no meio do processo, demonstrando não estar satisfeito com um trabalho de tradução que não seguiu suas expectativas de sua tradução idealizada.

Else Vieira (1992), de acordo com Pagano (2013, p. 160), chama atenção sobre a dimensão política da tradução, fazendo-nos refletir sobre a posição da América Latina sendo traduzida para países do hemisfério norte, como no caso de *Gabriela, clove and cinnamon* (1962) que foi traduzida para os Estados Unidos com o intuito de ser um *best-seller*. Quais as fronteiras que essa obra brasileira enfrentou para se encaixar nos moldes de interesses norte-americanos? Venuti (1995, p. 19) também reconhece a tradução como uma prática política por contribuir com a construção de identidades ideológicas, afirmando ou transgredindo valores discursivos.

De acordo com nossa análise, os tradutores James L. Taylor e William L. Grossman domesticaram pratos culinários especiais da cultura baiana, como o acarajé, que é reconhecido nacionalmente como “bem cultural de natureza imaterial”, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e carrega uma cultura de resistência afro-brasileira pós-colonial.

Vejam, no Quadro 1, abaixo exposto, como se deu, em um dos casos de ocorrência desse marcador cultural na obra, o processo tradutório:

Quadro 1: A tradução do Marcador Cultural ‘Acarajé’

<i>Gabriela, cravo e canela</i> ([1958] 2006)	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> ([1962] 1988)
“[...] Outro, ainda maior, de acarajés , abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (p. 153)	“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil , and other tidbits. [...]” (p. 204)

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

A tradução domesticada de acarajé para “bolas de pasta de feijão” faz-nos refletir sobre a divulgação deturpada do item cultural, uma vez que essa denominação de ingredientes não é comum nos Estados Unidos, transformando-o em exótico. Jorge Amado, em *Gabriela, cravo e canela*, prezou pelas denúncias político-sociais, como, também, pela representação da cultura afro-brasileira, assim como fez em todas as suas obras. Sua relação com a cultura era de militância. Enquanto foi deputado federal implementou uma ementa (nº 3.218) que defendia a liberdade do culto religioso. Na narrativa do romance, inseriu deuses religiosos de matiz africana para dialogar com o leitor, enquanto a protagonista vive uma história de amor em meio a guerra das fazendas de cacau que marcou historicamente a Bahia do início do século XX.

Nos estudos de Tooge (2009), sobre a tradução de Jorge Amado, ela caracteriza o processo de domesticação de narrativa política de Amado como um processo “metonímico”. Para a autora,

[...] ao nos referirmos ao caráter metonímico com que a obra estava sendo apreendida, não nos limitamos, no entanto, às escolhas dos tradutores. Parcialidade surge também em função do esforço dos agentes de tradução encarregados de tornar a obra aceita dentro de uma comunidade extremamente resistente às ideias de um escritor que havia se vinculado, por muito tempo, a ideologias que ela aprendera a rejeitar em função das políticas governamentais. Vale ressaltar, contudo, que tal fenômeno não aconteceu unicamente nos Estados Unidos. Devemos ainda lembrar que “metonímia” não quer dizer “inverdade” – pelo contrário, o exotismo realmente existe em abundância na obra amadiana. Foram os parâmetros de aceitação e adequação da obra traduzida e inserida em um novo sistema cultural, político e literário que definiram a parcialidade da apreensão. (TOOGE, 2009, p. 107).

No contexto estadunidense das traduções para a língua inglesa, Venuti (1992) considera que a domesticação faz o leitor estrangeiro, de forma narcisística, reconhecer sua própria cultura na cultura do outro. Segundo o autor,

[...] fluent strategy performs a labor of acculturation which domesticates the foreign text, making it intelligible and even familiar to the target-language reader, providing him or her with the narcissistic experience of recognizing his or her own culture in a cultural other, enacting an imperialism that extends the dominion of transparency with other ideological discourses over a different culture. Moreover, since fluency leads to translations that are eminently readable and therefore consumable on the book market,

it assists in their commodification and contributes to the cultural and economic hegemony of target-language publishers.⁸ (VENUTI, 1992, p. 5).

Venuti (1995), utilizando a terminologia de House, defende que se deve sempre optar pela *tradução manifesta*, cuja análise “possibilita situar o TT em dimensões histórica, política e social, o que permite a descoberta das estratégias discursivas do tradutor, das lacunas, discontinuidades, perdas e ganhos no TT.” (RODRIGUES, 2013, p. 132). Desse modo, traduzir domesticamente um prato registrado nacionalmente e com valor cultural de resistência, como o acarajé, não seria a melhor opção para situar o leitor estrangeiro sobre essa iguaria.

Quando reconhecemos a cultura do outro, estamos delimitando características que fazem o indivíduo ser reconhecido, pertencente a essa determinada cultura. Essas características são marcadas pela diferença percebida, certamente por não ser coerente que se reconheça uma cultura alheia apenas no contato de aspectos comuns com a sua própria.

Os aspectos que são diferentes para nós expõem, automaticamente, uma identidade própria do outro. Para Silva (2000, p. 81), “onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder.” Para o autor, essa afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, às operações de incluir e de excluir, ou seja,

[...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. (SILVA, 2000, p. 82)

Ao levarmos em conta as estratégias de tradução abordadas por Venuti, optar por incluir o prato típico *acarajé* em um texto de língua inglesa, de forma a *estrangeirizar* o termo, mantém, também, uma representação da identidade e diferença do povo baiano, visto que esse prato caracteriza, fortemente, a Bahia em âmbito de patrimônio cultural. Ao contrário, ao usar a domesticação, os receptores da língua traduzida não saberão a respeito de uma das iguarias afro-brasileiras que representa um estado e se relaciona, religiosamente, com uma divindade: Iansã. Silva (2012) defende que a identidade e diferença precisam ser sempre representadas.

⁸ Nossa tradução: [...] uma estratégia de fluência faz um trabalho de aculturação que domestica o texto estrangeiro, tornando-o inteligível e até familiar ao leitor(a) da língua de chegada, dando-lhe uma vivência narcísica de reconhecimento de sua própria cultura no outro cultural, decretando um imperialismo que estende o domínio da transparência com outros discursos ideológicos sobre uma cultura diferente. Além disso, como a fluência leva a traduções eminentemente legíveis e, portanto, consumíveis no mercado editorial, auxilia para que se tornem mercadorias de consumo¹³ e contribui para a hegemonia cultural e econômica dos editores da língua de chegada. (VENUTI, 1992, p. 5).

Entretanto, manter uma lexia específica cultural em um texto de língua distante requer elementos textuais que conduzam o leitor para o conhecimento, como notas e glossários, por exemplo.

2 Casos de domesticação em *Gabriela, clove and cinnamon* (1962) por meio da adaptação

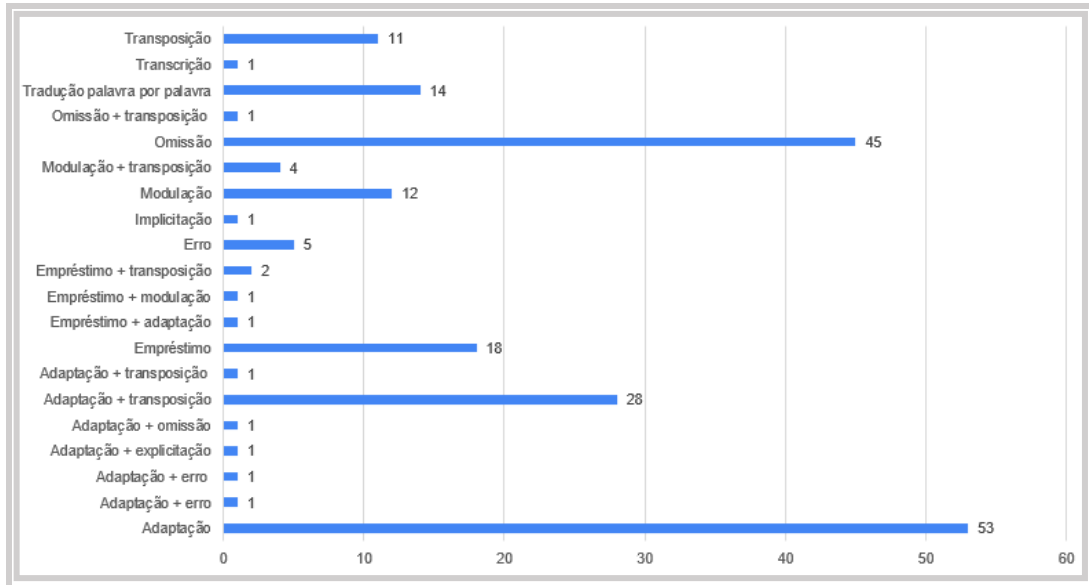
Para analisarmos os casos de domesticação na literatura referida, traduzida para o inglês, partimos do conceito de Venuti (2008) de *domestication* (domesticação). Nessa estratégia, busca-se uma fluência do leitor com o texto estrangeiro traduzido, fazendo uma redução etnocêntrica do TO, adaptando-o aos valores da cultura receptora. Nesse sentido, podemos entender o termo ‘domesticar’ como *submeter* ou *dominar* (WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017).

Assim, selecionamos na obra, com auxílio da Língua de *corpus*, que opera de forma virtual com grande número de dados, os casos de modalidade de tradução Adaptação, analisada por Aubert (1998, 2006) que se assemelham a estratégia domesticante pontuada por Venuti. Vejamos, antes, algumas singularidades dessa modalidade de tradução, expressadas por Aubert:

Adaptação: A principal característica da adaptação reside em ser uma intersecção de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da equivalência plena. Aqui não é propriamente o estilo, o modo de dizer, a idiomaticidade, a “cultura linguística”, enfim, que marca a diferenciação. (AUBERT, 2006, p. 66)

Nosso procedimento de análise mostrou-nos que, de 104 lexias culturalmente marcadas, presentes em *Gabriela, cravo e canela* (1958), em 202 ocorrências, separamos e agrupamos por modalidade de tradução, e reconhecemos 53 ocorrências da modalidade de adaptação e 33 ocorrências da modalidade de adaptação de forma híbrida. Essa se dá quando ocorre mais de uma modalidade por caso. Vejamos a síntese desse procedimento na Figura 1, abaixo exposta:

Figura 1 Contagem de Marcadores Culturais por Modalidade de Tradução.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

A partir do nosso levantamento quantitativo, verificamos que a tradução *Gabriela, clove and cinnamon* (1962) configura-se como domesticadora por: 1) possuir grande número de adaptações de lexias culturalmente marcadas e 2) possuir elevados registros de omissão de lexias culturalmente marcadas. Essa tradução foi realizada por William L. Grossman e James L. Taylor.

Primordialmente, o editor dessa tradução domesticada, Alfred Knopf, que já realizava outras traduções de Jorge Amado para a língua inglesa, chamou apenas o tradutor James L. Taylor para lançar *Gabriela, clove and cinnamon* nos Estados Unidos. Ainda antes do lançamento, não se agradou com a versão traduzida de Taylor e convidou Grossman para acrescentar na equipe de tradução dessa obra. Rostagno (1997) explicitou a situação: “disappointed with the rendering by James Taylor, Knopf had called in William Grossman to create a more polished product” (ROSTAGNO, 1997, p. 38). Desse modo, constatamos que a tradução literária possui um intuito de recebimento, domesticado ou estrangeirizado, e quando não realizado como planejado, os editores podem trocar de tradutores, como aconteceu nesse caso de Gabriela, cravo e canela para o inglês.

Abaixo, reunimos em linha temporal do século, a tradução dessa obra para a língua inglesa, e visualizamos que a versão dos dois tradutores de 1962, caracterizada como domesticada de acordo com nossa pesquisa, é a única veiculada desde o seu lançamento até o século seguinte.

Quadro 1 *Gabriela, clove and cinnamon* (Publicações entre 1962-2006)

<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Charles Mozley. Foto por Sascha Harnisch. Londres: Chatto and Windus, 1962. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Charles Mozley. Foto por Sascha Harnisch. Londres: Chatto and Windus, 1963. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por [James L. Taylor e William L. Grossman]. Nova Iorque: Avon Books, 1988. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Susan Neale. Londres: Souvenir Press, 1983. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Londres: Abacus, 1984. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Ilustrações de Cathleen Toelke. Nova Iorque: Avon Books, 1988a. 506p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Nova Iorque: Avon Books, 1988b. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Chin-Yee Lai. Foto por Sinisha e George Diebold. Nova Iorque: Vintage International, 2006, 425p.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base em Fundação Casa de Jorge Amado (2009, p. 328-329);.

Assim, de acordo com nossa pesquisa quantitativa, conferimos que a tradução domesticada de *Gabriela, clove and cinnamon* (1962) demonstra uma tendência em adaptar e omitir aspectos culturais do Texto de Origem no Texto Traduzido. Para visualizar esse procedimento, expomos, abaixo, a Tabela 1, na qual relacionamos as lexias culturalmente marcadas presentes no romance, a modalidade de tradução adotada e a estratégia aplicada pelos tradutores da obra de Jorge Amado.

Tabela 1 - Marcadores Culturais domesticados em *Gabriela, clove and cinnamon* (1962).

Marcador Cultural	Modalidade de Tradução	Estratégia
Abará	Adaptação	Domesticação
Aipim	Adaptação	Estrangeirização
Bilhas	Adaptação	Domesticação
Brenhas	Adaptação	Domesticação
Bumba-meu-boi	Adaptação	Domesticação
Caatinga	Adaptação	Domesticação
Cabra	Adaptação	Domesticação
Cuscuz	Adaptação	Domesticação
Cuscuz de mandioca	Adaptação	Domesticação
Cuscuz de milho	Adaptação	Domesticação
Cuscuz de puba	Adaptação	Domesticação
Fanfarronada	Adaptação	Domesticação
Filhas de Santo	Adaptação	Domesticação
Frigideiras de siri mole	Adaptação	Domesticação
Gatos pingados	Adaptação	Domesticação
Grapiúna	Adaptação	Domesticação
Iaôs de Iansan	Adaptação	Domesticação

Jogo de burro	Adaptação	Domesticação
Mingau	Adaptação	Domesticação
Molambos	Adaptação	Domesticação
Pajé	Adaptação	Domesticação
Pinga	Adaptação	Domesticação
Pinga	Adaptação	Domesticação
Pinga	Adaptação	Domesticação
Quibe	Adaptação	Domesticação
Rabo de arraia	Adaptação	Domesticação
Rabo-de-Galo	Adaptação	Domesticação
Reisado	Adaptação	Domesticação
Sagui	Adaptação	Domesticação
Sarapatel	Adaptação	Domesticação
Sarará	Adaptação	Domesticação
Tabareu	Adaptação	Domesticação
Tabuleiro	Adaptação	Domesticação
Tarefa	Adaptação	Domesticação
Terreiro	Adaptação	Domesticação
Terreiro	Adaptação	Domesticação
Vatapá	Adaptação	Domesticação
Cangaceiros	Adaptação + erro	Domesticação
Candomblé	Adaptação + erro	Domesticação
Berimbau	Adaptação + explicitação	Estrangeirização
Bolo de aipim	Adaptação + omissão	Domesticação
Acarajé	Adaptação + transposição	Domesticação
Acarajés	Adaptação + transposição	Domesticação
Acarajés de cobre	Adaptação + transposição	Domesticação
Beiju	Adaptação + transposição	Domesticação
Bilhas de barro	Adaptação + transposição	Domesticação
Caatinga	Adaptação + transposição	Domesticação
Caatinga	Adaptação + transposição	Domesticação
Cabra	Adaptação + transposição	Domesticação
Cabra	Adaptação + transposição	Domesticação
Cacique	Adaptação + transposição	Domesticação
Cangaço	Adaptação + transposição	Domesticação
Feijoada	Adaptação + transposição	Domesticação
Galinha de cabidela	Adaptação + transposição	Domesticação
Jabá	Adaptação + transposição	Domesticação
Macumba	Adaptação + transposição	Domesticação
Moqueca	Adaptação + transposição	Domesticação
Moqueca de peixe	Adaptação + transposição	Domesticação

Moqueca de siri	Adaptação + transposição	Domesticação
Moringa	Adaptação + transposição	Domesticação
Pedaço Assado de Charque	Adaptação + transposição	Domesticação
Pirão de Caranguejo	Adaptação + transposição	Domesticação
Tabareu	Adaptação + transposição	Domesticação
Abarás de prata	Adaptação + transposição	Domesticação

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Verificamos que, nos casos de domesticação presentes na tradução do romance de Jorge Amado ([1958] -2006) à língua inglesa, o tradutor tende a adaptar lexias que não têm equivalência com a cultura estadunidense, predominando a cultura da culinária local. Ex.: Acarajé, Abará, Cuscuz de puba, Feijoada, Galinha de Cabidela, Moqueca, Moqueca de siri, Moqueca de peixe, Pirão de caranguejo, Vatapá. Também adaptou lexias que representam a cultura ideológica da afroreligiosidade, como em: Candomblé, Macumba, Filhas de santo.

Por conta do exíguo espaço de apresentação da pesquisa neste texto, demonstramos, apenas, alguns casos de domesticação nessa tradução que alimentam uma discussão a respeito dessa estratégia.

Nos casos das lexias domesticadas que pertencem ao domínio da cultura ideológica da afroreligiosidade, os tradutores resolveram adaptar os itens pertencentes ao candomblé, como sendo do vudu, como se pode observar no Quadro 2, abaixo exposto:

Quadro 2: A tradução domesticada de rituais do candomblé como se fossem do vudu.

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006 [1958])	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988 [1962])
Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo, candomblé e macumba , era sala da dança, era leito de núpcias [...]	Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground , a nuptial bed [...]
[...] um rei mago chegava, um deus de terreiro , um cavaleiro de santos para seus cavados montar.	[...] A magic king, a voodoo god , a holy horseman come to mount his steeds.
Na Bahia, em Sergipe, em Alagoas, nas rodas de capoeira, nos terreiros de santos [...]	in Bahia, in Sergipe, in Alagoas, in the voodoo grounds [...]
Do morro desciam as outras pastoras, vinha Gabriela da casa de dona Arminda, já não eram somente pastoras, eram filhas de santo, iaôs de Iansan .	Down from the hill came more girls, and Gabriela would come up from Dona Arminda's house. But they were no longer mere shepherd girls: they were priestesses of the voodoo gods .

Fonte: elaborado pelos autores.

O vudu é uma religião de origem africana presente nos Estados Unidos, adaptada para a lexia americanizada *voodoo*, é muito popular em Nova Orleans. Nesse território americano, existe uma feiticeira de vudu que é ícone cultural até os dias de hoje para a cidade. Considerada “rainha do vudu”, Marie Laveau, nascida em 1794, protagoniza a cena dessa religião nos Estados Unidos em adaptações como nas HQs da Marvel dos meados de 1970 e na série de

gênero terror “American Horror Story: Coven”, em 2013, transmitido pela emissora FX. Nesse contexto, o vudu é, possivelmente, uma das referências de religião de origem africana para americanos.

De acordo com os estudos de tradução de Almeida e Delvizio (2016), analisamos que em outras obras de Jorge Amado também traduzidas para o inglês, essa adaptação para *voodoo* dos Marcadores Culturais referentes ao ritual de candomblé também aconteceu, em *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1966) (*Dona Flor and Her Two Husbands*(1969)); *Tocaia Grande* (1984) (*Show Down* (1989)) e *Tereza Batista, Cansada de Guerra* (1972) (*Tereza Batista Home from the Wars* (1975)).

Sobre esse caso, Almeida e Delvizio consideram que

[...] o uso do termo voodoo para se referir ao candomblé e a omissão do termo ebó, por exemplo, causam uma perda na tradução e, de certa forma, acabam empobrecendo-a, pois não permitem que o leitor da língua inglesa conheça aspectos culturais específicos que são peculiares da obra de Jorge Amado. A omissão e a adaptação de termos culturalmente marcados da cultura baiana como os do candomblé, pode ter relação ao que Hall (2002, p.49) chama de “sujeito fragmentado” ou então a criação de uma cultura homogênea ao “apagar” as diferenças existentes entre as línguas e generalizar uma ideia única para vários termos diferentes. (ALMEIDA; DELVIZIO, 2015, p. 635)

No caso de *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006), consideramos problemática a adaptação da religião afrobrasileira à afroestadunidense, visto que o vudu, nos Estados Unidos, já possui sua identidade cultural estadunidense própria e transpor essa realidade para a da Bahia, onde predomina a identidade do candomblé, apaga, etnologicamente, o espaço do outro e cria uma realidade distorcida, em que o vudu é vivenciado na obra pelas personagens amadianas. Berman (2013, p. 95) apresenta a ética dentro da tradução, e expõe que “o ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro.”

Sobre a domesticação da culinária local, trazemos, como exemplo, o caso da lexia *Acarajé* e o seu apagamento etnocêntrico que apresentamos no Quadro 3, abaixo exposto:

Quadro 3: Duas ocorrências da tradução de ‘Acarajé’ na tradução de *Gabriela, cravo e canela*

‘Acarajé’	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988 [1962])	Estratégia
“[...] – Por que você não faz para vender no bar? – perguntara um dia, mastigando um acarajé da velha Filomena, preparado para o prazer exclusivo do árabe amante da boa mesa. [...]” (AMADO, 2006, p. 43).	“[...] One day, in Nacib’s house, he was munching a bean-paste ball made by Filomena. “Why don’t you sell some of this stuff in the bar?” he said. [...]” (p. 59).	Adaptação + transposição
“[...] Outro, ainda maior, de acarajés , abarás, bolinhos de bacalhau,	“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with	Adaptação + transposição

frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153).	<i>onion and palm oil</i> , and other tidbits. [...]” (p. 204).
--	---

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, com base na obra *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, [1958] 2006).

A lexia afro-brasileira “acarajé” – que representa a iguaria registrada como patrimônio cultural da Bahia – foi traduzida para *bean-paste balls flavored with onion and palm oil* [bolinhos de pasta de feijão temperados com cebola e óleo de palma - Nossa tradução:] (AMADO, (1988 [1962])). Nesse caso, o tradutor omitiu o valor cultural do nome próprio de origem africana que representa – além de oficialmente em registro nacional pelo IPHAN – uma culinária específica para o nome dos seus ingredientes, que não são comuns na cultura dos Estados Unidos, o país destinatário da tradução. Segundo Venuti (2019, p. 166), uma ética tradutória não se restringe apenas a uma noção de fidelidade, mas, também, a valores éticos implícitos em questões profissionais, institucionais e sociais. Sendo assim, a tradução irá exercer um poder na construção de representações de culturas estrangeiras.

Considerações finais

Neste texto propusemo-nos a analisar a domesticação na tradução pós-colonial e qual sua relação com a ética tradutória, ao nível do impacto cultural. Visualizamos que uma literatura pode carregar traços culturais que representam um povo real e o tradutor atua como mediador cultural na tradução. Nesse sentido, cada decisão tradutória pode distorcer ou omitir esses traços. No percurso da análise, selecionamos casos de adaptação, que se configuraram domesticação, na tradução do romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela* ([1958] 2006), e sua tradução para o inglês, *Gabriela, clove and cinnamon* ([1962] 1988).

Verificamos, a partir dos casos analisados, que a domesticação é uma estratégia tradutória que tende a apagar traços da cultura de origem, para: 1) garantir uma fluência no processo da leitura do leitor estrangeiro, por meio de um texto no qual ele enxerga sua própria cultura, ou 2) por questões sociopolíticas que envolvem a tradução do universo cultural do colonizado diante daquele do colonizador. Nesse aspecto, o romance brasileiro analisado foi lançado de forma domesticada nos Estados Unidos em um processo no qual houve a mudança de tradutor, passando-se a um cenário de colaboração entre dois tradutores para a prática tradutória desse romance.

Em contrapartida da domesticação, a estrangeirização é apresentada como uma tentativa de assegurar a permanência dos traços culturais de origem no texto traduzido, refletindo-se, nesse caso, uma tradução ética, segundo Berman (2013) que reconhece o Outro

como Outro. Entretanto, diante da tradução da obra de Jorge Amado ([1958] 2006), constatamos que o tradutor precisa, em alguns casos, renunciar à fluidez da leitura, em detrimento do contato do leitor estrangeiro com o universo cultural desconhecido do Outro, para, assim, garantir, na tradução, os espaços dos traços culturais inerentes ao Texto de Origem também na leitura do Texto Traduzido.

Consideramos, por fim, que a domesticação é alcançada a partir da intenção da fluência da tradução para a cultura alvo e que essa estratégia deve ser usada com ética para não apagar traços de culturas de resistência impressas em lexias culturalmente marcadas não traduzíveis, visando à experiência do leitor e sua percepção com o texto traduzido.

Apesar da natureza curta, deste texto, cremos que ele contribuiu para o início de um estudo maior sobre a tradução literária e as consequências da domesticação e estrangeirização para conscientizarmos os leitores sobre a possibilidade de uma nova colonização, ancorada, agora, na tradução essencialmente domesticada.

Esse processo de domesticação efetuado com obras constituídas por meio da inserção de muitas lexias culturalmente marcadas, feita conscientemente, promove o apagamento do Outro e de toda a sua singularidade em prol de um conforto maior ao receptor, normalmente integrante de um espaço de dominação, seja ele financeiro ou cultural.

Se a colonização territorial da América teve fim com os processos de independência, iniciados no século XIX, as reminiscências e possíveis meio de manutenção das ações colonizadoras seguem vigentes nesse território até nossos dias, sendo a tradução literária um dos meios mais visíveis dessas ações. Daí resulta a importância da ética na tradução e da consciência tradutora de que esse ato é, também, uma ação política, ideológica e de poder.

Referências

AMADO, J. *Gabriela, clove and cinnamon*. Tradução de William L. Grossman e James L. Taylor. Ilustrações de Cathleen Toelke. Nova Iorque: Avon Books, 1988a. 506p.

AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*; romance. 94. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. (Obras ilustradas de Jorge Amado, v. 14).

AUBERT, F. H. *Modalidades de tradução: teoria e resultados*. Tradterm. v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.

AUBERT, F. H. *Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução*. Revista de estudos orientais, São Paulo, n. 5, p. 23-36, 2006.

- BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica – Herder, Goethe, Schlegel, Novalis Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o Albergue Longínquo*. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. 200p.
- BHABHA, H. *The postcolonial and the postmodern: the question of agency*. In: BHABHA, H. *The location of culture*. London: Routledge, 1994. P. 171-97.
- DELVIZIO, I.; ALMEIDA, L. *Análise comparativa entre as traduções de termos gastronômicos em Gabriela, Cravo e Canela e Dona Flor e seus dois maridos*. Tradterm, v. 26, p. 179-192, 29 dez. 2015.
- FATEHI RAD, N.; FATEHI MARJ, Z. *A Study of the Strategies of Foreignization and Domestication in Two Persian Translation Versions of Lewis Carroll's Alice in Wonderland*. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, [S. l.], v. 3, n. 23, p. 457–474, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3548>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br>. Acesso em: 24 out. 2020.
- LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Editora EDUSC, 2007. 263 p. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2011v1n27p321>
- PAGANO, A. S. América latina, tradução e pós-colonialismo. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 44, n. 1, 2000. p. 157-167.
- REYS, B. DE L.; BRISOLARA, V. *Entre a tradução e a escrita: reflexões sobre a domesticação, a visibilidade, a ética e a construção autoral do tradutor*. Letrônica, v. 12, n. 1, p. e32103, 26 jun. 2019.
- RODRIGUES, S. V. Os limiões da crítica da tradução na pós-modernidade. In: CARVALHAL, T. F. (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limiões críticos do comparatismo*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 1999. p. 122-136.
- ROSTAGNO, I. *Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States*. Westport, Conn: Greenwood Press, 1997.
- VENUTI, L. *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. Londres, Nova York: Routledge, 1992.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility: a history of translation*. 2. ed. Oxon: Routledge, 2008. 319 p.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility*. London/New York: Routledge, 1995.

VENUTI, L. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo; revisão técnica por Stella Tagnin. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SILVA, T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

SOUSA, S. M. A; BRANCO, S de O. Representação cultural na tradução para o inglês da obra de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*. *Belas Infiéis*, v. 4, n. 3, p. 69-81, 2015.

WIDMAN, J; ZAVAGLIA, A. Domesticação e estrangeirização em duas traduções para o inglês de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. ja/abr. 2017, p. 90-118, 2017. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n1p90/33357> >
DOI: 10.5007/2175-7968.2017v37n1p90.

Recebido em 15 de novembro de 2021
Aceito em 11 de janeiro de 2022